



## **ALIANÇA TERAPÊUTICA: O PAPEL DO VÍNCULO NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO.**

Eduardo Armando Prandini<sup>1</sup>. Jacqueline Araujo de Souza<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>Graduando do curso de Psicologia; Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, [eduardo.prandini@live.com](mailto:eduardo.prandini@live.com)

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, [asouzajacqueline@gmail.com](mailto:asouzajacqueline@gmail.com)

Para que se alcance o início do processo terapêutico, a priori, é introduzida a estratégia de avaliação e coleta de dados, da qual faz parte das ações da Clínica de Psicologia da Universidade do Sagrado Coração. Anteriormente ao processo terapêutico, inicia-se com um contato inaugural, que pode ser denominado como uma conversa informal, simples, sem finalidade de coletar dados do participante, sendo assim, uma ação para o sucesso, filiação e integridade. Todavia, mesmo sem caráter interventivo, seu efeito é extremamente relevante quando se trata de melhora clínica, sendo caracterizado como principal mecanismo de mudança do cliente. Este estudo tem como objetivo apresentar um estudo de caso no Estágio de Triagem, cujo fator essencial foi a qualidade exercida através da sólida aliança terapêutica instalada. O paciente T.H. participante dos atendimentos foi um jovem de 18 anos de idade, trazido pela mãe, através do incentivo do CAPS – Bauru, com a queixa inicial relatada sobre uso de álcool e drogas, além de medicamentos controlados para depressão e ansiedade. Apesar das problemáticas elencadas, outra queixa se fez presente inicialmente, em relação ao divórcio dos pais. Como metodologia para compreensão do caso ao longo do processo utilizou-se a escuta empática e ativa, entrevistas semiestruturadas com o paciente e responsável, e questionamento direcionadores acerca dos relatos trazidos. Durante todo o processo de triagem ficou evidenciado que a junção de todas as vivências do paciente o tornou propício para a experiência com as drogas, ou seja, o conjunto de fatores de risco e negligência dos fatores de proteção, como o período de transição da adolescência e o divórcio dos pais, dirigiram-no aos conflitos e experiências. Pode-se galgar durante todo o processo que, por decorrência das problemáticas apresentadas, se fizeram presentes como um rol de possibilidades e enfrentamentos na vida do paciente, influenciaram, significativamente para que algumas questões fossem desencadeadas e remeteram ao momento experienciado. Evidencia-se que a mediação terapêutica no processo de triagem não tem caráter interventivo, porém, a guinada nos atendimentos nesse caso ocorreu claramente quando a aliança se estabeleceu e trouxe melhora expressiva no autocontrole do cliente mediante as drogas. O fortalecimento da aliança terapêutica através de um entendimento empático do problema de T.H. em combinação com aceitação incondicional, e a compreensão da dinâmica do caso, desempenharam um importante papel neste processo. Considera-se, portanto que, a vinculação terapêutica visa à promoção de mudanças comportamentais, no sentido de dar suporte ao cliente antes que a intervenção ocorra efetivamente, sendo assim, uma possibilidade de ampliação de seu repertório e abertura para mudanças.

**Palavras-chave:** Aliança Terapêutica. Avaliação. Vínculo.